

Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmicas e valores

Old age couples household: structure, dynamics and values

Filipa Marques
Liliana Sousa

RESUMO: Este estudo exploratório analisa agregados familiares de casais idosos, em termos de estrutura, dinâmicas relacionais e valores. Foi aplicado um questionário a 136 casais de idosos Portugueses de classe socioeconómica média. Os resultados sugerem: i) estrutura composta por casais de idosos que vivem predominantemente sós; ii) dinâmica familiar pautada por clima afetivo, amizade e diálogo constante; iii) baseado em valores assentes no amor, diálogo e convívio familiar.

Palavras-chave: Casais idosos; Agregado familiar; Ciclo de vida familiar.

ABSTRACT: *This exploratory study examines old age couples household in terms of structure, relational dynamics and values. A questionnaire was applied to 136 old Portuguese couples of middle socio-economic class. Results suggest: i) structure composed by old couples who live mostly alone, ii) family dynamic characterized by affection, friendship and dialogue iii) values based on love, dialogue and family convivial.*

Keywords: *Old age couples; Household; Family life cycle.*

Introdução

Os estudos sobre a última fase do ciclo de vida familiar são escassos (Sousa *et al.*, 2009). A gerontologia tem focado a pessoa idosa e os seus problemas de saúde, negligenciando as relações familiares, pois associa a família preferencialmente à prestação de cuidados. No caso dos casais idosos, a literatura tende a focar a relação conjugal em termos de cuidados, quando o cônjuge é o cuidador principal em situações de dependência. A importância da família na última fase do ciclo de vida é inquestionável, já que são os familiares (cônjuge, irmãos, filhos e netos) que garantem o suporte e a adaptação ao envelhecimento. À medida que a velhice se expande em anos de vida e em número de elementos da população que a vivencia, é necessário conhecer as famílias no fim da vida também na perspectiva desenvolvimental e normativa.

O crescente interesse pelas novas formas familiares reside nas transformações do mundo contemporâneo. Com o aumento da esperança média de vida verifica-se o surgimento de novas famílias contemporâneas, em que se enquadram as famílias compostas por casais idosos (com 65 anos ou mais), que constituem um facto de proporção sem precedentes. A mudança na estrutura familiar e o aumento da esperança média de vida influenciam a experiência de envelhecimento; neste contexto surgem algumas mudanças estruturais da família: i) a duração dos laços familiares entre e dentro de gerações é maior do que no passado (irmãos, cônjuge, avós e netos, filhos adultos e pais de idade convivem durante mais anos); ii) ocorrem papéis de apoio mútuo e os benefícios do contacto inter e intrageracional nas famílias, incluindo a transferência de competências sociais e história familiar e cultural (Cervený, 2007).

Portugal é um país envelhecido que, de acordo com os últimos censos do Instituto Nacional de Estatística (INE) realizados em 2011, tem um total de 10.555.853 habitantes (mais 199.736 habitantes que em 2001). A percentagem de pessoas com 65 anos ou mais é de 16,5%. Os resultados, ainda provisórios, indicam o número de famílias clássicas¹ (com base na estrutura etária) constituídas por duas pessoas, ou pelo menos uma, com 65 ou mais anos em Portugal continental: 950.962 (445.137, em que o

¹ Conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto), podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento. São incluídos na família clássica o(a)s empregados domésticos internos, desde que não se desloquem todas ou quase todas as semanas à sua residência.

homem tem mais de 65 anos, e 505.825, com as mulheres tendo mais de 65 anos). Os dados referem o número de famílias por faixa etária: 65 a 69 anos – 306.134; 70 a 74 anos – 265.711; mais de 75 anos – 382.368 famílias.

O incremento de pessoas idosas e a emergência de mais famílias multigeracionais devem refletir-se num aumento de estudos relacionados com os reptos familiares inerentes a esta modificação demográfica (Flori, 1989). As diversas mudanças sociais devem ser ponderadas e estudadas para uma renovada compreensão do último estágio do ciclo de vida familiar, reforçando a necessidade de uma perspectiva que inclua o desenvolvimento e não apenas o declínio. Assim, este estudo exploratório analisa o agregado familiar de casais idosos, considerando aspetos da sua estrutura, dinâmica e valores.

Casais idosos: relação conjugal

A perspectiva do ciclo de vida familiar assume que a família, tal como o indivíduo, evolui e desenvolve-se (Carter & McGoldrick, 2005; Cerveny, 1997); i.é, o desenvolvimento familiar implica que as diferentes gerações da família se adaptem aos diversos estádios da vida familiar através de um rearranjo contínuo de papéis, organização de pertenças e distâncias. Cerveny (1997) refere a existência de quatro fases do ciclo de vida familiar: aquisição; adolescente; madura; fase última. Os casais idosos vivem a fase última do ciclo de vida familiar, que Cerveny (1997) define por: i) tempo de união acima dos 31 anos; ii) idade do primeiro filho acima dos 26 anos; iii) qualquer idade do último filho. Esta fase depende de como as outras foram vividas, constituindo um momento em que a pessoa idosa *olha para trás* e pode sentir grandes alegrias e/ou grandes deceções (porque não existe mais tempo para mudar).

As relações familiares na fase última são marcadas pela reestruturação de papéis; o retorno ao modelo de díade conjugal impõe a reorganização de tarefas e atribuições na vida de cada cônjuge. O investimento, até então focado nos filhos (quando existem) e/ou na vida profissional, volta à estrutura do início do casamento, mas marcado pela intimidade e longa convivência. A ajuda mútua e o companheirismo são ingredientes indispensáveis para o casal viver bem a fase última; contudo, dependendo da trajetória, pode ser um momento de solidão forçosamente compartilhada, por medo ou acomodação.

A funcionalidade do sistema familiar, e concretamente do casal idoso, associa-se também ao cumprimento de tarefas que envolvem a redefinição dos papéis familiares e a reorganização da relação com o contexto externo (King & Wynne, 2004; Carter & McGoldrick, 2005; Sousa, Silva, Marques & Santos, 2008).

Esta fase de ciclo de vida familiar comporta um conjunto de desafios que implicam a aceitação das alterações nos papéis, a vários níveis (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009): i) o casal idoso terá de se adaptar ao declínio físico (do próprio e do cônjuge), mantendo interesses e o funcionamento individual e familiar; ii) apoiar o papel central da geração intermédia e incorporar novos papéis, designadamente o de avô e/ou bisavô; iii) lidar com a perda do cônjuge (viuvez), de irmãos e outras pessoas significativas e preparar/enfrentar a própria morte; iv) ajustar-se à doença crónica e dependência, aceitando o suporte e cuidados familiares. As tarefas ocorrem ainda a outros níveis (Cervený, 1997): i) alterações estruturais, principalmente quando os casais idosos têm de se adaptar à saída (ou não) dos filhos de casa; ii) na dinâmica decorre a libertação das responsabilidades do trabalho, dando ao casal maior disponibilidade e, enquanto díade, terão de reaprender a relacionar-se (entre si e com outros elementos do agregado); iii) nos valores desenrola-se o balanço e redefinição, quando a pessoa idosa faz a revisão e a integração da sua história de vida (p.e., o papel de avós pode trazer o sentido da sobrevivência e continuidade por meio da família). As relações familiares na fase última serão marcadas pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar e a inserção de novos membros como noras, genros e netos.

A investigação sobre as relações conjugais na velhice tem incidido nas questões do cônjuge como cuidador principal em situações de dependência. Para além disso, a pesquisa é escassa, mas é possível destacar dois temas (Sousa et al., 2009): i) qualidade da relação conjugal, ii) efeito da relação conjugal na saúde (física e mental). Martin-Matthews (2000) referem a emergência de grupos de casais idosos: aqueles casados há muito tempo; os que se casam pela primeira vez já na velhice; e os que se casam novamente (depois de um divórcio ou a morte do cônjuge). Para além disso, existem os solteiros e aqueles que não estão numa relação conjugal devido a transições conjugais (divórcio ou separação, ou viuvez).

Alguns estudos (Hatch & Bulcroft, 2004) centram os conflitos conjugais na velhice (relacionados com tarefas domésticas, dinheiro, sexo e lazer); sugerem que a frequência dos desentendimentos entre cônjuges diminui ao longo dos anos.

Casais mais velhos tendem a ser mais carinhosos, e a resolução de conflitos é emocionalmente menos negativa do que nos casais de meia-idade. Carstensen, Gottman & Levenson (1995) sugerem que, após um declínio na satisfação matrimonial na meia-idade, o casamento se torna mais positivo na velhice. Contudo, a duração do casamento também pode trazer um aumento de desentendimentos.

Objetivos

Este estudo analisa tipologias estruturais de agregados familiares de casais idosos, explorando: i) dinâmica relacional com os filhos, dinâmica relacional do casal, e do agregado familiar, e rituais familiares; ii) valores. Os resultados permitirão compreender melhor a fase última do ciclo de vida familiar e contribuir para desenvolver intervenções familiares adequadas.

Metodologia

Procedimentos

Para recolher a amostra foram contactadas 9 instituições de apoio comunitário a pessoas idosas (centros de dia e serviço de apoio domiciliário). Solicitou-se autorização para realizar o estudo e a indicação de um profissional para mediar os contactos entre o investigador e os potenciais participantes. Todas as instituições concordaram em colaborar e designaram os profissionais de ligação (6 psicólogas e 3 assistentes sociais).

A estes profissionais foram explicados os objetivos do estudo, metodologia e critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão eram: i) pessoas com 65 anos de idade ou mais em relacionamento conjugal ou união de facto; ii) orientadas no tempo e no espaço; iii) ser de classe socioeconómica média (a classe mais representativa da população Portuguesa). Foram excluídos casais a residir em lar, pois o estudo incide tipologias de agregados familiares. Pediu-se aos profissionais que usassem o Índice de Graffar para definir a classe socioeconómica dos elementos do casal.

O Índice de Graffar (versão Portuguesa de Amaro, 1990) é uma classificação internacional que usa 5 critérios (habilitações académicas, profissão, rendimento,

composição do agregado familiar e características do bairro de residência) para definir a classe socioeconómica do indivíduo/família. A soma dos pontos obtidos nos 5 critérios indica a classe; neste estudo seleccionam-se as pessoas da classe média (14-17).

Os profissionais contactaram os potenciais participantes, verificaram a sua disponibilidade para colaborar e pediram autorização para colocar o investigador em contacto. Esses casais foram contactados pela primeira autora (por telefone ou pessoalmente) que explicou detalhadamente os objetivos e colaboração solicitada; 136 casais acederam a colaborar, e preencheram o consentimento livre e informado. A entrevista foi marcada nesse primeiro contacto. A administração decorreu em local (por norma nas suas casas ou nas instituições) e data à escolha dos participantes. Os questionários foram aplicados por entrevista pela primeira autora, entre março e agosto de 2011. A aplicação de cada questionário demorou em média 45 minutos.

Instrumentos

Neste estudo utilizou-se o questionário sobre a fase última do ciclo de vida familiar (Cervený, 1997). Foi desenvolvido com base num instrumento construído para a investigação sobre o Ciclo Vital da Família Paulista (Cervený, 1997), após revisão e adaptação à família na fase última do ciclo vital. O instrumento envolve as seguintes variáveis: a) estrutura familiar (dados objetivos que permitam configurar o grupo familiar); b) dinâmica familiar (formas de funcionamento, abrangendo relações hierárquicas); c) valores familiares (aspetos da vida individual e coletiva passados de forma implícita ou explícita entre os membros); d) especificidades da família na fase última (vivências específicas). Este questionário (Cervený, 1997) foi adaptado em termos culturais e linguísticos à população portuguesa de classe média. Nesse sentido, realizou-se um pré-teste a 6 casais para analisar: clareza (formulação de questões, sequência e modo de registo das respostas), aceitabilidade e tempo de administração. Algumas pequenas alterações foram realizadas; por exemplo, o questionário original tem uma questão sobre o estado de residência (pois no Brasil, país de origem do questionário, esta divisão administrativa existe), que foi eliminada em Portugal, onde tal situação não ocorre. Neste estudo, foram seleccionadas 34 questões (ver Anexo 1).

Optou-se por permitir que fosse o casal em conjunto ou um elemento do casal a responder, pois verificou-se que: nos domicílios era possível juntar os dois elementos do

casal, mas um assumia a prioridade de resposta apesar de haver algumas opiniões do outro; nas instituições era quase impossível juntar o casal, pois tendencialmente apenas um frequentava.

Amostra

A amostra compreende 136 casais de pessoas idosas, sendo que em 64 (45,6%) dos casais o homem assumiu a resposta às questões e em 74 (54,4%) foi a mulher. A média etária dos elementos do casal é de 72,57 anos, sendo 73,71 (DP=6,34) nos homens e 71,44 (DP=6,18) nas mulheres (idades compreendidas entre os 65 e 94 anos). As idades são estatisticamente diferentes ($t=135,472$; $p=0,000$), ou seja, as mulheres são mais novas do que os maridos. O tempo médio de união dos casais é de 44,99 anos (DP= 10,640), variando entre os 6 e os 65 anos. Os casais distribuem-se da seguinte forma em termos do tipo de união: 59,6% - casamento civil e religioso; 31,6% - casamento civil; 0,7 – casamento religioso; 8,1% - união de facto.

A religião dos casais é predominantemente a Católica (89%), havendo outras religiões: Jeová (5,9%); Evangélica (3,6%). Além disso, 1,5% dos casais identificaram-se como ateus. A maioria dos casais (66,9%) sempre residiu na mesma cidade; 27,9% vive na cidade há mais de 30 anos; 3,7% vive lá entre 20 e 30 anos; e 1,5% vive há menos de 5 anos. Relativamente à escolaridade (Quadro 1), a percentagem mais elevada em ambos os elementos ocorre na categoria de 7 a 9 anos de escolaridade: 35,3% - maridos; 27,9% - esposas. A percentagem de analfabetos é superior nas mulheres (13,2%) por comparação com os maridos (5,9%). Contudo, o cálculo do χ^2 não indica diferenças significativas ($p>0,05$).

Quadro 1. Escolaridade do casal

Escolaridade	Marido		Esposa	
	n	%	n	%
Analfabeto	8	5,9	18	13,2
Sabe ler e escrever (sem escolaridade formal)	9	6,6	19	14,0
Até 4 anos de escolaridade	31	22,8	33	24,3
5 a 6 anos de escolaridade	1	0,7	1	0,7
7 a 9 anos de escolaridade	48	35,3	38	27,9
10 a 12 anos de escolaridade (secundário)	29	21,3	21	15,4
Ensino superior	6	4,4	4	2,9

Análise de dados

A análise de dados é descritiva e efetuou-se com recurso ao programa de análise de dados SPSS 17.1. As comparações relativas a variáveis nominais e ordinais ocorreu através do ANOVA ($p > 0,05$) e das distribuições através do Chi-quadrado ($p > 0,05$).

Resultados

Começou por se analisar a composição do agregado familiar dos casais idosos. Os resultados indicam que: 83 casais (61,03%) vivem sós; 36 (26,47%) vivem com o(s) filhos(s); 8 (5,9%) vive com filho/a e genro/nora; 6 vive (4,4%) vive com filho/a e genro/nora e netos; 3 (2,2%) vive com filho/a e netos. Assim, assumiram-se três tipologias estruturais de agregado familiar: os dois primeiros (“casal vive só” e “casal com filhos”) mantiveram-se, e as três estruturas com valores mais baixos foram agrupadas na tipologia “casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (12,5%).

Em seguida foram analisadas as variáveis relativas à dinâmica relacional com os filhos, pois as estruturas tendem a variar com a presença/ausência de filhos no agregado. A média de filhos é de 2,21 (DP=1,322; 0-6 filhos), verificando-se que o “casal que vive só” tem uma média significativamente mais baixa (1,86) de filhos, por comparação com as outras estruturas (Tabela 1). Para perceber melhor a distribuição do número de filhos, calcularam-se as frequências relativas por tipologia estrutural, tendo-se obtido distribuições estatisticamente diferentes (Tabela 1).

A tipologia “casais que vivem sós” é a única em que há casais sem filhos. Os “casais que vivem sós” (28,9%) e os “casais que vivem com filhos” (27,8%) têm com mais frequência 1 filho do que os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (17,6%). Os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” têm com mais frequência que as outras tipologias 2 (35,3%) e 3 (29,4%) filhos. Ter 4 (16,7%) e 5 (5,6%) filhos é mais frequente nos “casais que vivem com filhos”. E ter 6 filhos ocorre em duas tipologias: “casais que vivem com filhos” (5,6%) e “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (5,9%).

Tabela 1. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e dinâmica relacional com os filhos.

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Números de filhos (médias)¹								
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
	1,86	1,148	2,64	1,477	2,59	1,278	2,21	1,322
Números de filhos (%)²								
	n	%	n	%	n	%	n	%
0	24	28,9	0	-	0	-	24	17,6
1	24	28,9	10	27,8	3	17,6	37	27,2
2	20	24,1	9	25	6	35,3	35	25,7
3	9	10,8	7	19,4	5	29,4	21	15,4
4	4	4,8	6	16,7	2	11,8	12	8,8
5	2	2,4	2	5,6	0	-	4	2,9
6	0	-	2	5,6	1	5,9	3	2,2
Razões da saída dos filhos de casa³								
Não se aplica (não têm filhos)	24	28,9	0	-	0	-	24	17,6
Não saíram	0	-	13	36,1	4	23,5	17	12,5
Casamento	49	59	22	61,1	12	70,6	83	61
Estudar	2	2,4	0	-	0	-	2	1,5
Desentendimento	5	6	0	-	1	5,9	6	4,4
Emprego	1	1,2	0	-	0	-	1	0,7
Outro	2	2,4	1	2,8	0	-	3	2,2
Dificuldades com os filhos⁴								
Não se aplica (não têm filhos)	24	28,9	0	-	0	-	24	17,6
Sem dificuldades	56	65,1	16	44,4	13	88,2	85	62,5
Nenhum saiu de casa	0	-	1	2,8	0	-	1	0,74
Saiu de casa para estudar e voltou	0	-	0	-	1	5,9	1	0,7
Separou-se e voltou para casa	0	-	2	2,5	0	-	2	1,5
Um filho permanece em casa	0	-	14	38,8	1	5,9	15	11,0
Sem independência financeira	2	2,4	3	8,3	0	-	5	3,7
Conflito	1	1,2	0	-	2	11,8	3	2,2

¹ANOVA=5,185; p=0,07

² χ^2 (12) = 30,7; p=0,002

³ χ^2 (24) = 48,851; p=0,001

⁴ χ^2 (32) = 109,126; p=0,000

Em seguida procurou-se compreender porque os filhos saíram de casa. Aos “casais que vivem sós” e não têm filhos esta questão não se aplica. Em geral, verifica-se que (Tabela 1): 61% saíram porque se casaram e 12,5% não saíram de casa. A distribuição das tipologias de agregados de acordo com as razões de saída de casa dos filhos apresenta diferenças estatisticamente significativas. Em todos os tipos de agregado familiar o casamento é a principal razão de saída de casa dos filhos. Contudo, nos “casais com filhos” e “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” a percentagem superior seguinte ocorre para a resposta “não saíram”; mas nos “casais que vivem sós” esta resposta nunca ocorre.

Depois, analisaram-se as dificuldades atuais destes casais idosos com os filhos (Tabela 1). Também neste caso, aos “casais que vivem sós” e não têm filhos, esta questão não se aplica. No total, 62,5% dos casais refere não ter dificuldades; as dificuldades que se destacam são: “um filho permanece em casa” (11,0%), os filhos “não têm independência financeira” (3,7%) e “conflito” (2,2%). A distribuição das tipologias de agregados considerando as dificuldades com os filhos apresenta diferenças estatisticamente significativas. Os dados indicam que em todas as tipologias a resposta predominante é “sem dificuldades”, mas nos “casais que vivem com filhos” destaca-se a categoria “um filho permanece em casa” (38,8%).

Passa-se agora a analisar a dinâmica familiar, centrada na relação do casal (Tabela 2). Os resultados sugerem que, no global, os casais caracterizam a sua relação por (Tabela 2): clima afetuoso - 47,7%; amizade - 16,9%; diálogo constante - 9,6%; frieza e distância - 9,6%. O desrespeito é a característica menos referida pelos casais (1,5%). A comparação das tipologias estruturais de agregados não indica diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2(88) = 96,329$; $p = 0,255$).

Tabela 2. Tipologias dos agregados familiares dos casais e dinâmica relacional no casal

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Relação do casal¹								
	n	%	n	%	n	%	n	%
Clima afetuoso	39	47	18	50	8	47,1	65	47,7
Bom relacionamento sexual	7	8,4	1	2,8	1	5,9	9	6,6
Frieza e distância	8	9,6	4	11,1	1	5,9	13	9,6
Acomodação	8	9,6	1	2,8	2	11,8	11	8,1
Diálogo constante	9	10,8	2	5,5	2	11,8	13	9,6
Desrespeito	1	1,2	1	2,8	0	0	2	1,5
Amizade	11	13,3	9	25	3	17,6	23	16,9

¹ $\chi^2(88) = 96,329$; $p = 0,255$

Em todas as tipologias, a característica mais referida foi “clima afetuos”, seguindo-se a “amizade”. A terceira categoria mais referida difere: nos “casais que vivem sós” é “diálogo constante”; nos “casais com filhos” é “frieza e distância”; nos “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” são “acomodação” e “diálogo constante”.

Em seguida centram-se os rituais familiares (Tabela 3). Começamos pelos rituais gerais da família, em que os resultados globais destacam: “trocar presentes em datas especiais” (33,1%); “reunir a família ao fim de semana” (27,9%); e “fazer refeições em família” (23,5%). O ritual menos referido é o “lazer em comum” (2,2%). Esses resultados são comuns para as três tipologias; as distribuições dos rituais considerando as tipologias dos agregados são estatisticamente semelhantes.

Tabela 3. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e rituais familiares.

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Rituais familiares¹								
	n	%	n	%	n	%	n	%
Trocar presentes em datas especiais	27	32,5	13	36,1	5	29,4	45	33,1
Fazer refeições em família	17	20,5	10	27,7	5	29,4	32	23,5
Reunir família ao fim de semana	24	28,9	9	25	5	29,4	38	27,9
Reunir família em funerais e casamentos	4	4,8	0	-	1	5,9	5	3,7
Ritos religiosos conjuntos	9	10,8	3	8,3	1	5,9	13	9,6
Lazer em comum	2	2,4	1	2,8	0	-	3	2,2
Domingo em família²								
Reúne-se em casa de familiares	40	48,2	19	52,7	7	41,7	66	48,5
Fica em casa e faz atividades conjuntas	13	15,7	6	16,6	7	41,7	26	19,1
Reunir família extensa	22	26,5	9	25	3	17,6	34	25
Lazer em comum	7	8,4	2	5,6	0	-	9	6,6
Outro	1	1,20	0	-	0	-	1	0,7

¹ χ^2 (24) = 12,137; p=0,978

² χ^2 (16) = 9,940; p=0,870

Agora passamos ao domingo em família, que também representa rituais familiares. Os resultados globais indicam que o ritual de domingo mais frequente é “reúne-se em casa de familiares” (48,5%), seguido de “reunir família extensa” (25%) e “ficar em casa e fazer atividades conjuntas” (19,1%). Também aqui ocorre semelhança nas distribuições na perspectiva estatística.

Depois analisamos a dinâmica familiar na vertente relações no agregado familiar (inclui as variáveis: assunto que evita falar; aspetos menos bons; acontecimentos marcantes; e melhores características da família) (Tabela 4) Sublinhe-se que os

respondentes podiam escolher até 3 opções de resposta nas questões seguintes: “assunto que a família evita falar”; “acontecimentos marcantes”; “melhores características da família”; “valores mais importantes adotados pela família”.

Tabela 4. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e dinâmica relacional no agregado.

¹ χ^2 (52) =32,622; p=0,933

² χ^2 (44) =32,629; p=0,897

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Assuntos evitados na família¹								
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sexo	40	35,7	12	26,6	10	45,5	62	34,6
Drogas	32	28,6	13	28,8	6	27,3	51	28,5
Morte	14	12,5	7	15,5	1	4,5	22	12,3
Velhice	4	3,6	2	4,4	0	-	6	3,4
Doença	2	1,8	0	-	0	-	2	1,1
Nenhum assunto	20	17,9	11	24,4	5	22,7	36	20,1
Total	112	100	45	100	22	100	179	100
Aspetos menos bons da família²								
Falta de diálogo	12	12,9	8	20,5	3	13,0	23	14,8
Agressividade	1	1,1	0	-	0	-	1	0,6
Conflito	16	17,2	4	10,3	0	-	20	12,9
Falta de carinho	3	3,2	2	5,1	0	-	5	3,2
Falta de tempo	19	20,4	6	15,4	8	34,8	33	21,3
Nada a assinalar	42	45,2	19	48,7	12	52,2	73	47,1
Total	93	100	39	100	23	100	155	100
Acontecimentos marcantes na família³								
Casamento	51	36,4	17	23,9	10	40	78	33,1
Separação	17	12,1	8	11,3	3	12	28	11,9
Morte	20	14,3	13	18,3	5	20	38	16,5
Nascimento de um membro	16	11,4	10	14,1	5	20	31	13,1
Desemprego	8	5,7	6	8,5	1	4	15	6,4
Saída de filhos de casa	12	8,6	11	15,5	0	-	23	9,7
Doença	16	11,4	6	8,5	1	4	23	9,7
Total	140	100	71	100	25	100	236	100
Melhores características da família⁴								
Diálogo	33	18,6	14	19,2	5	16,6	52	18,6
Carinho	29	16,4	9	12,3	5	16,6	43	15,4
Respeito	55	31,1	24	32,9	12	40	91	32,5
Estabilidade financeira	11	6,2	1	1,4	0	-	12	4,3
Liberdade	8	4,5	3	4,1	1	3,3	12	4,3
Honra	41	23,2	22	30,1	7	23,3	70	25
Total	177	100	73	100	30	100	280	100

³ χ^2 (140) =127,712; p=0,763

⁴ χ^2 (104) =60,616; p=1,000

Relativamente aos “assuntos evitados pela família”, verifica-se no global o seguinte: sexo (34,6%); drogas (28,5%); morte (12,3%); velhice (3,4%); doença (1,1%). Refira-se que 20,1% afirma não evitar “qualquer assunto” (Tabela 4). Verificou-se que os 136 casais assinalaram 179 respostas, ou seja, um valor médio de 1,3 (1 a 2 respostas por casal). Considerando as tipologias observa-se que: “casais que vivem sós” (83) indicam 112 respostas (média = 1,3); “casais que vivem com os filhos” (36) apresentam 45 respostas (média = 1,2); e os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (17) indicaram 22 opções (média = 1,3). As distribuições das tipologias pelos “assuntos evitados pela família” são estatisticamente semelhantes; em todas as tipologias se destacam como as seguintes categorias: “sexo”, “drogas” e “nenhum assunto”.

Em seguida exploramos os aspetos que os casais consideram “menos bons na família” (Tabela 4). Os 136 participantes deram 155 respostas (média = 1,1); “os casais que vivem sós” indicaram 93 respostas (1,1); os “casais que vivem com os filhos” deram 39 respostas (1,1); e os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” deram 23 (0,7). No global, os resultados destacam as respostas: “nada a assinalar” (47,1%); “falta de tempo” (21,3%); “falta de diálogo” (14,8%); “conflito” (12,9%). Comparando as distribuições das respostas pelas tipologias de agregado observaram-se distribuições estatisticamente semelhantes. A resposta mais frequente em todas as tipologias é: “nada a assinalar”. A segunda é: nos “casais que vivem sós” e nos “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” – “falta de tempo”; e nos “casais que vivem com os filhos” – “falta de diálogo”. A terceira mais assinalada diverge com a tipologia: “casais que vivem sós” – “conflito”; “casais que vivem com os filhos” – “falta de tempo”; “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” – “falta de diálogo”.

Nos “acontecimentos marcantes da família”, houve 236 respostas (1,7): 140 dos “casais que vivem sós” (1,7); 71 dos “casais que vivem com os filhos” (1,9); 25 dos “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (1,5). No global, as respostas mais frequentes são: “casamento” (33,1%); “morte” (16,5%); “nascimento” (13,1%) e “separação” (11,9%). As distribuições das tipologias segundo os “acontecimentos marcantes na família” são estatisticamente semelhantes. Os dois “acontecimentos marcantes” são idêntico em todas as tipologias: “casamento” e “morte”. O terceiro diverge: para os “casais que vivem sós” é a “separação”; para os

“casais que vivem com os filhos” é “saída dos filhos de casa”; e para os “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos” é “nascimento”.

Em seguida analisaram-se as “melhores características da família”, que conjugou um total de 280 respostas (média =1,3): 177 (média =2,1) dos “casais que vivem sós”; 73 (média = 2) dos “casais que vivem com filhos”; 30 (média =1,8) dos “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (tabela 4). As distribuições das tipologias segundo as “melhores características da família” são estatisticamente semelhantes. No global e em cada tipologia, as “melhores características das famílias” são: “respeito” (32,5%), “honra” (25%) e “diálogo” (18,6%).

Tabela 5. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e valores familiares.

Tipologia de agregado	Casal vive só n = 83;61%		Casal com filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Valores mais importantes da família⁵								
Amor	48	25,7	16	20,3	12	30	76	24,8
Diálogo	47	25,1	15	18,9	10	25	72	23,5
Convívio	38	20,3	20	25,3	11	27,5	69	22,5
Preservar valores religiosos	12	6,4	8	10,1	2	5	22	7,2
Comemorar datas significativas	7	3,7	8	10,1	1	2,5	16	5,2
Manter património da família	9	4,8	3	3,8	1	2,5	13	4,2
Preservar origens familiares	19	10,2	5	6,3	2	5	26	8,5
Privacidade do casal	4	2,1	3	3,8	1	2,5	8	2,6
Ascensão profissional	0	-	1	1,3	0	-	1	0,3
Ter uma velhice com acesso a bens materiais e de saúde	3	1,6	0	-	0	-	3	0,9
Total	187	100	79	100	40	100	306	100

χ^2 (204) =208;702 p=0,396

A análise centra agora os “valores mais importantes da família”, que engloba um total de 306 respostas (média =2,3): 187 (média =2,3) dos “casais que vivem sós”; 79 (média = 2,2) dos “casais que vivem com filhos”; 40 (média =2,4) dos “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos”(tabela 5). As distribuições das tipologias segundo os “valores mais importantes na família” são estatisticamente semelhantes. No global e em cada tipologia, os valores mais frequentes são: “amor” (24,8%), “diálogo” (23,5%) e “convívio” (22,5%).

Discussão

Foram definidas três tipologias estruturais de agregados familiares com casais idosos: “casais que vivem sós”; “casais que vivem com filhos”; “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e /ou netos”. A maioria dos casais respondentes vive só (61%), o que é consistente com os dados dos Censos de 2011. Apenas uma percentagem reduzida (12,5%) de casais idosos vive com outros elementos familiares para além dos filhos (“casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e /ou netos”). Estes dados demonstram que a família nuclear constitui a forma predominante de organização dos agregados familiares. As tipologias estruturais de agregados da amostra são sempre familiares, englobando ascendentes e descendentes, mas nunca colaterais. Esta situação remete-nos para a consanguinidade preferencial na coabitação: a família privilegia as relações consideradas como pertencentes à ordem da consanguinidade, marcando a superioridade da família de sangue (Knauth, 1996).

Verifica-se que são as mulheres idosas (74 mulheres em 136 casais) que assumem o papel de respondentes, evidenciando a tendência da chefia domiciliar feminina (contrariando a ideia socialmente enraizada que coloca no homem essa tarefa). Contudo, a tradição também coloca a mulher a gerir as tarefas mais domésticas e de ligação com a rede social.

A dinâmica relacional entre o casal e os filhos varia de acordo com as estruturas de agregado: é no grupo dos “casais que vivem sós” que se encontram todos os casais sem filhos; estes casais têm significativamente menos filhos que as outras tipologias. Ou seja: quanto mais filhos o casal tem, maior a probabilidade de viver com um deles. O “casamento” é o principal motivo pelo qual os filhos saíram de casa dos pais. A literatura tem sido consistente indicando que o casamento é a causa mais tradicional e habitual da saída dos filhos de casa dos pais, implicando a redução estrutural da família (Cervený, 1997).

Contudo, 12,5% dos casais indicam que algum/ns dos seus filhos “não saíram” de casa. Em geral, os casais idosos indicam não terem dificuldades com os filhos (62,5%), mas o quando o filho “permanece em casa” dos pais e “não tem independência financeira”, os seus pais idosos consideram ser uma dificuldade. Esta dificuldade é apontada pelos “casais que vivem com os filhos”, que se preocupam, pois sentem que os filhos parecem não estar prontos para a vida fora dos limites da casa dos pais. Esta configuração, que tem sido denominada *Geração Canguru* (Cobo & Saboia, 2010),

pode envolver explicações diversas: questões financeiras (desemprego, custo habitacional), aspetos psicológicos (comodismo, a chamada Síndrome de *Peter Pan*) e mesmo variáveis sociodemográficas (aumento da idade de casamento, aumento do número de divórcios e separações conjugais). Parece ocorrer o fenómeno associado ao *leaving home*, que ganha o formato do *living in home* (Haley, 1980). Nestas situações, os pais desejam a saída de casa e independência dos filhos, pois a autonomia (financeira) dos filhos é um anseio familiar, que representa a assunção da responsabilidade da vida adulta, dando aos progenitores um sentido de dever cumprido e segurança (Cervený, 2007). Encontramo-nos perante novas reconfigurações dos arranjos familiares: a *síndrome do ninho vazio é adiado* e a convivência familiar parental prolonga-se (Henriques, Jablonski & Feres-Carneiro, 2004). Esses dados também mostram que a ideia muito veiculada de que os filhos adultos tendem a abandonar os pais idosos deve ser repensada. Provavelmente, em algumas situações, os pais idosos preferem que os seus filhos adultos demonstrem capacidade de autonomia e construam o seu agregado familiar.

A dinâmica relacional do casal é caracterizada, em geral, de modo positivo, predominando “clima afetivo”, “amizade” e “diálogo constante”. Diversos estudos têm descrito os casais nas fases mais tardias do ciclo de vida como felizes e próximos afetiva e emocionalmente (Dickson, 1997; Levenson, Carstensen & Gottman, 1994; Narciso, 2002; Orbuch, House, Mero & Webster, 1996).

No entanto, alguns casais mantêm uma relação conjugal que se caracterizam pela “frieza e distância” (9,6%). A literatura sugere um declínio na satisfação matrimonial na meia-idade (Carstensen, Gottman & Levenson, 1995), provavelmente estes casais não superaram esse momento de crise e criam um clima de frieza e distância similar ao *Síndrome do Comportamento da Hospedagem*: a pessoa exerce os papéis quotidianos, mas demonstra frieza e comporta-se como um hóspede dentro de casa, distanciando-se através de comportamentos independentes ao extremo (Siqueira Neto, 2004). O “desrespeito” é a característica menos referida, provavelmente porque esta ocorrência implicaria a rutura conjugal e os elementos da amostra continuam casados.

Em termos da dinâmica familiar, centrados nos “rituais familiares”, destacam-se: “troca de presentes”, “reunião de família no fim de semana” e “fazer refeições em família”). Estes eventos constituem práticas culturais, artísticas e educativas da população Portuguesa. Estamos perante uma amostra predominantemente católica (89%), que preserva atos simbólicos e rituais festivos baseados na religião (por

exemplo, comemoração do Natal e da Páscoa) que mantêm a tradição do convívio e a preocupação com a preservação da identidade familiar. A troca de presentes é um meio (material e simbólico) de concretizar votos e manifestações de carinho (Martins, 2005). As refeições em família são eventos de comunhão constituindo momentos essenciais de união e convívio familiar, permitindo preservar valores, rituais e a identidade familiar (Marques & Sousa, 2011). O “lazer em comum” é a característica menos referida pelos casais idosos e família; esse hábito reflete a identidade dos portugueses tipicamente marcada pelo trabalho (Maia, 2007). As pessoas dessa geração viveram a infância e adolescência numa conjuntura económica precária, resultante da conjugação desfavorável entre a situação histórica nacional decorrente da Segunda Guerra Mundial e o regime político ditatorial que vigorava no país. Foram forçadas a amearhar para ter património e pouca disponibilidade existia para o lazer (Viegas & Gomes, 2007).

Na dinâmica relacional do agregado familiar, falar de sexo e/ou drogas é evitado pelas três tipologias estruturais de agregado. Vivemos num país onde estes ainda são temas *tabus*, especialmente nas gerações mais velhas. O modo como a pessoa idosa adquiriu, na sua juventude, conhecimentos sobre a sexualidade, ou como foi construída sua identidade sexual, e as próprias regras sociais e morais impediam, e continuam a impedir, a espontaneidade da experiência sexual. Todavia, 20,1% dos casais “não evita qualquer assunto”, podendo indiciar que o processo de mudança progressiva de revisão de valores das pessoas idosas está em andamento.

Os casais idosos tendem a não indicar assuntos menos bons na relação com o agregado (47,1%). Contudo, a “falta de tempo” é salientada pela tipologia de agregado “casais que vivem sós” e “casais que vivem filhos e/ou genro/nora e/ou netos”, sugerindo: no primeiro caso, um problema associado aos filhos ausentes; e na segunda tipologia, pouco contacto relacional entre filhos e netos apesar da coabitação (Martins, 2005).

O casamento revela-se o “acontecimento mais marcante da família” em todas as tipologias de agregado familiar. É uma fase de transição marcada de simbolismo, em que o casal inicia uma nova fase da vida, sendo o momento em torno do qual se vão desenrolar as outras fases do ciclo de vida familiar (Relvas, 1996).

O “respeito” a “honra” e o “diálogo” são para todas as tipologias estruturais de agregado as melhores características da família, associadas a valores morais que fazem a família funcionar (bem) e que são preservados na construção de um lar marcado pela fraternidade e harmonia. Os valores mais importantes adotados pela família são o “amor”, o “diálogo” e o “convívio”. Esses aspetos que *movem* a vida individual e

coletiva, sendo passados de forma implícita ou explícita entre os membros da família, parecendo constituir a ideologia do sistema familiar (Cervený, 1997).

Limites e perspectivas de pesquisa

A recolha da amostra restringiu-se à classe socioeconómica média, limitando a generalização a outros estratos sociais. Outra limitação relaciona-se com a recolha de dados ter sido efetuada em contexto domiciliar. Desse modo, estudos futuros podem explorar as relações de casais idosos e agregado também em contexto de lar de idosos e considerando outras classes sociais. Para além disso, será relevante explorar as variáveis com novas questões, ampliando o conhecimento sobre a vida dos casais idosos.

Conclusão

As transformações na sociedade portuguesa nas últimas décadas implicaram mudanças na estrutura e na organização familiar, alargando-se a diversidade de interações conjugais e familiares, mesmo no âmbito das estruturas familiares tradicionais, como as famílias nucleares (Figueiredo, Martins, Silva e Oliveira, 2011). As alterações da estrutura familiar inerentes à última etapa do ciclo de vida da família caracterizam-se por transições interligadas ao envelhecimento, como processo experiencial e único constituindo-se como desafios fundamentais às famílias nesta etapa do seu ciclo. Este estudo sugere que o agregado familiar de casais de idosos se caracteriza por: i) estrutura composta por casais de idosos que vivem predominantemente sós; ii) dinâmica familiar pautada por clima afetivo, amizade e diálogo constante; iii) baseado em valores assentes no amor, diálogo e convívio familiar.

Referências

Carter, E. & McGoldrick, M. (2005). The expanded life cycle. *In*: Carter, E. & McGoldrick, M. (Eds.). *The expanded life cycle*. Boston: Allyn & Bacon.

- Carstensen, L.; Gottman, J. & Levenson, R. (1995). Emotional behaviour in long-time marriage. *Psychology and Aging, 10*: 140-9.
- Cervený, C.M.de O. (1997). *Família e Ciclo Vital nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C.M.de O. (Org.). (2007). *Família em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cobo, B. & Saboia, AL.L. (2010). *A geração canguru no Brasil*. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú (MG), Brasil, 20 a 24 de setembro.
- Figueiredo, M.H.J.; Martins, M.; Silva, L. & Oliveira, P. (2011). Ciclo vital da família e envelhecimento: contextos e desafios. *Revista Temática Kairós Gerontologia, 14*(3): 11-22. São Paulo (SP): FACHS/NEPE/PEPGG-PUC-SP.
- Flori, D.E. (2007, Jun.). The prevalence of later life family concerns in the marriage and family therapy journal literature (1976-1985): A content analysis. *Journal of Marital & Family Therapy, 15*(3): 289-97 (July 1989). (DOI: 10.1111/j.1752-0606.1989.tb00810.x)
- Haley, J. (1980). *Leaving Home – The therapy of disturbed young people*. Nova Iorque: Mc Graw-Hill.
- Henriques, C., Jablonski, B. & Feres-Carneiro, T.A. (2004). "Geração Canguru": algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico, 35*(2): 195-205.
- Hatch, L. & Bulcroft, K. (2004). Does Long-Term Marriage Bring Less Frequent Disagreements? *Journal of Family Issues, 25*(4): 465-95.
- Instituto Nacional de Estatística, INE (PT) (2011). *O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas*. Estatísticas Censitárias e da População. Lisboa: INE.
- Instituto Nacional de Estatística, INE (PT) (2011). *Famílias clássicas por Local de residência e Dimensão*. Estatísticas Censitárias e da População. Lisboa: INE.
- King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of "Family Integrity" in later life. *Family Process, 43*(1): 7-20.
- Knauth, R.D. (1996). *Aids, Reprodução e Sexualidade*. Série Trabalhos de Pesquisa, 1/96.
- Levenson, R.W.; Carstensen, L.L. & Gottman, J.M. (1994). The influence of age and gender on affect, physiology, and their interrelations: A study of long-term marriage. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*: 56-68.
- Martin-Matthews, A. (2000). Change and diversity in aging families and intergenerational relations. In: Mandell, N. & Duffy, A. *Canadians Families*: 323-60. Toronto: Harcourt Canada.
- Martins, P. (2005). A sociologia de Marcel Mauss. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 73*: 45-66.
- Marques, F.D. & Sousa, L. (2011). Integridade Familiar em pessoas idosas pobres: valores e significados. *Revista Teoria e Sociedade* (aceite).
- Narciso, I. (2002). Janela com vista para intimidade. *Psicologica, 31*: 49-62.

Orbuch, T.L.; House, J.; Mero, R.P. & Webster, P.F. (1996). Marital quality over the life course. *Social Psychology Quarterly*, 9(2): 162-71.

Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Siqueira Neto, A.C. de. (2004). Relacionamento Conjugal e Síndrome do Comportamento. Recuperado em maio, 2011, de: PsiqWeb, Internet, www.psiqweb.med.br.

Sousa, L. (2009). Editorial: New themes on ageing families. In: Sousa, L. (Ed.). *Families in Later Life: Emerging Themes and Challenges*. New York: Nova Science Publishers.

Souza, L.; Silva, A.R.; Silva, C.F.; Figueiredo, D.; Marques, F.; Vicente, H.; Santos, I.; Costa, J.; Santos, L.; Lima, M.P.; Patrão, M.; Ribeiro, O. & Martins, R. (2009). *Families in Later Life: Emerging Themes and Challenges*. Sousa, L. (Ed.). New York: Nova Science Publishers. Recuperado de: https://www.novapublishers.com/catalog/product_info.php?products_id=8674

Maia, M.M.A. (2007). *A ética disciplinar salazarista e o papel do trabalho infantil*. In: VII Encontro Regional Sudeste de História Oral: memória e política. Rio de Janeiro (RJ).

Viegas, S.M. & Gomes, C. (2007). *Identidade na velhice*. Porto: Ambar.

Filipa D. Marques - Gerontóloga, Aluna do Programa Doutoral em Gerontologia e Geriatria. Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro.

E-mail: filipa.marques@ua.pt

Liliana Sousa - Psicóloga. Professora Auxiliar com Agregação na Universidade de Aveiro. Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro.

E-mail: lilianax@ua.pt

Anexo 1. Questionário (questões selecionadas para análise de dados) (Cervený, 1997)

1. Quem respondeu ao questionário: Marido ___ Esposa _____

2. Cidade: _____

3. Religião adotada pela família: _____

4. Há quanto tempo a família reside na cidade (toda a família e não apenas quem respondeu)?

Durante toda a vida (1) Há mais de 30 anos (2) Entre 20 e 30 anos (3) Entre 19 e 10 anos (4)
Entre 9 e 5 anos (5) Menos de 5 anos (6)

5. Tipo de união?

Casamento civil e religioso (1) Casamento civil (2) Casamento religioso (3)União de facto (4) Outra (2) Qual? _____

6. Tempo de união: _____ anos

7. Quantos filhos têm? _____

8. Rendimento familiar mensal líquido? _____

9. Idade do marido: _____ anos

10. Idade da mulher: _____ anos

11. Escolaridade do casal

Marido	Esposa
Analfabeto <input type="checkbox"/> (1)	Analfabeto <input type="checkbox"/> (1)
Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escolaridade formal <input type="checkbox"/> (2)	Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escolaridade formal <input type="checkbox"/> (2)
Até 4 anos <input type="checkbox"/> (3)	Até 4 anos <input type="checkbox"/> (3)
Até 6 anos <input type="checkbox"/> (4)	Até 6 anos <input type="checkbox"/> (4)
Até 9 anos <input type="checkbox"/> (5)	Até 9 anos <input type="checkbox"/> (5)
Ensino secundário ou equivalente <input type="checkbox"/> (6)	Ensino secundário ou equivalente <input type="checkbox"/> (6)
Ensino superior ou equivalente <input type="checkbox"/> (7)	Ensino superior ou equivalente <input type="checkbox"/> (7)

12. Elementos do agregado familiar (além do marido, esposa)

Filhos (1) Pai (2) Mãe (3) Irmãos (4) Genro/nora (5)Neto/a (6) Sobrinho/a (7) Enteador/a (8)Outros (9) Especifique: _____

13. Quais as melhores características da sua família? (indique até 2)

Diálogo (1) Carinho (2) Respeito (3) Estabilidade financeira (4)Liberdade (5) Honra (6)Outra (7) Especifique: _____

14. Na relação do casal actualmente existe (até 2 respostas):

Clima afectuoso (1) Bom relacionamento sexual (2) Frieza e distância (3)Acomodação (4) Diálogo constante (5) Desrespeito (6)Amizade (7) Outro (8) Especifique: _____15. Assinale os três valores mais importantes adoptados pela sua família:Amor (1) Diálogo (2) Convívio (3) Preservar valores religiosos (4)Comemorar datas significativas (5) Manter o património da família (6)Preservar as origens familiares (7) Privacidade do casal (8)Ascensão profissional (9) Ter uma velhice com acesso a bens materiais e saúde (10)16. Assinale até dois aspectos que considera menos bons na sua família:Falta de diálogo (1) Agressividade (2) Conflito (3)Falta de carinho (4) Falta de tempo (5) Outro (6) Especifique: _____Nada a assinalar (7)

17. Rituais preservados pela família:

Trocar presentes em datas comemorativas (1) Fazer as refeições em família (2)Reunir a família extensa aos fins-de-semana (3)Reunir a família extensa em funerais ou casamentos (4)Praticar juntos ritos religiosos (5) Dedicar-se ao lazer em comum (família nuclear) (6)

18. Em geral, ao Domingo a sua família:

Reúne-se na casa de familiares (1) Fica em casa a fazer actividades conjuntas (2)Fica em casa e cada membro faz actividades diferentes (3) Dedicar-se ao lazer em comum (4)

Outro (5) Especifique: _____

19. Indique até três assuntos que a sua família evita normalmente falar:

Sexo (1) Drogas (2) Morte (3) Velhice (4) Doença (5)

Casamento (6) Outro (7) Especifique: _____

20. Quais os acontecimentos (até três) que foram marcantes na sua família e a fizeram rever valores:

Casamento (1) Separações (2) Morte (3) Nascimento de um membro (4)

Desemprego (5) Saída dos filhos de casa (6) Doença (7)

Outro (8) Especifique: _____

21. Quais as principais dificuldades da sua família actualmente? (até três)

22. Dificuldades com os filho/as (até 3):

Sem dificuldades (1) Nenhum dos filho/as saiu de casa (2)

Filho/a após terminar os estudos voltou para casa (3) Filho/a casado/a mora em casa (4)

Filho/a casado/a voltou para casa (5) Filho/a separado/a voltou para casa (6)

Um dos filhos parece que não vai sair de casa (7) Filho/a/s sem independência financeira (8)

Outro (9) Especifique: _____

23. As razões pelas quais os filhos saíram de casa forma:

Não saíram de casa (1) Casamento/união de facto (2) Morar fora para estudar (3)

Desentendimento (ou dificuldades de relacionamento) familiar (4) Emprego distante (5); (6) outros _____